Cadernos de Estudos Linguísticos
Número 3, 1982
Páginas 42-82

APRENDENDO A ESTRUTURA DOS ENUNCIADOS QUE INDICAM MUDANÇA DE ESTADO/LOCAÇÃO SEM A PARTICIPAÇÃO DE AGENTE

Rosa Attié Figueira
UNICAMP

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é chegar a compreender a estratégia usada por uma criança em fase de aquisição do português como língua materna para a expressão lingüística de situações em que se observa mudança de estado/locação de um ser ou objeto, sem contudo, se observar o autor dessa mudança. Assumindo com Benveniste (cf.1966) a existência de dois níveis distintos na linguagem: o nível do discurso e o nível da história, procuraremos mostrar que tal problema pode ser interpretado como relevando do segundo tipo de enunciação, onde tem papel saliente a flexão de não-pessoa (ou de "3º pessoa").

Este assunto está, por outro lado, relacionado com o estudo da emergência na fala da criança da expressão de causatividade. É assim, pelo menos, que o con-

cebemos num trabalho anterior (cf.Figueira, 1979) onde um conjunto maior de dados é analisado . É fácil ver que o que nos propomos a examinar aqui, nada mais é do que a contrapartida da expressão de causatividade, manifestada em sentenças simples.

Apresentaremos a seguir uma análise deste trabalho mais amplo, com a finalidade de inserir o leitor no quadro geral da pesquisa, isolando a seguir o assunto específico deste artigo.

Estudando a emergência dos verbos causativos na fala de 1 (um) sujeito (Anamaria, = A), em processo de aquisição do português como língua materna, constatamos a existência de dois tipos básicos de desvios[1]:

1º uso de um item não causativo (expressando atividade, estado, mudança de estado/locação) por um causativo, predominantemente de 3;1 a 4;2. Quadro 1.

2º uso de um item causativo por um não-causativo, predominantemente de 4;2 a 5. Quadro 2.

QUADRO 1 : Não-causativo por causativo*

	Não-causativo	Causativo	Nº de ocorrências
1.	acabar**	fazer acabar,consumir	8
2.	aceitar	oferecer	5
3.	achar***	procurar	7
4.	alcançar	fazer alcançar	1
5.	apanhar	bater	8

6.	aprender	ensinar	8
7.	cair	derrubar	10
8.	conhecer	apresentar, fazer conhecer	1
9.	dormir	fazer dormir	1
10.	entrar	fazer entrar, enfiar	1
11.	errar	fazer errar	2
12.	estar dó	estar coitado, digno de dó	1
13.	escorregar	fazer escorregar	1
14.	ficar em X	fazer/deixar ficar em X	2
15.	ficar + Adj.	fazer ficar + Adj.	2
16.	jantar	fazer jantar	1
17.	morrer	matar	3
18.	nascer	dar à luz, parir	8
19.	olhar	fazer ver, mostrar	3
20.	passear	fazer/levar passear	1
21.	perder	esconder	2
22.	pular	fazer pular	1
23.	sair	tirar	13
24.	sofrer	fazer sofrer	1
25.	subir	levantar, fazer subir	1
26.	sumir	fazer sumir, esconder	6
27.	vir	trazer	1
28.	tomar banho/injeção	dar banho/injeção	6
29.	viajar	fazer viajar	1
	T O T A L		106

* Como item lexical "correto", indicamos aqueles relacionados supletivamente no léxico, quando eles existem e/ou são comuns na linguagem coloquial. Quando não, indi

camos a expressão perifrástica correspondente.

**Alguns verbos, cujo emprego como causativos apontamos como desviantes, não são, para alguns, totalmente inaceitáveis. Acabar, com o sentido de consumir e subir, com o sentido de elevar, suspender acham-se inclusive dicionarizados (cf. Aurélio 1975). Optamos porém por mantê-los como formas desviantes, uma vez que as acreditamos raras no idioleto familiar.

***Procurar, bem como oferecer, podem ser vistos como causativos uma vez que eles incluem um objetivo ou efeito de certas atividades. Contudo, diferem de outros verbos causativos, pois o cumprimento do objetivo ou o aparecimento do efeito são lexicalizados por outros itens: achar e aceitar, respectivamente.

QUADRO 2 : Causativo por não-causativo

	Causativo	Não-causativo	Nº de ocorrências
1.	ensinar	aprender	3
2.	matar	morrer	3
3.	procurar	achar	1
4.	tirar	sair	83
	T O T A L		90

Descrevemos rapidamente os fatos envolvidos em 1 e 2.

O primeiro quadro contém verbos impropriamente usados como causativos. Uns são intransitivos, como cair, dormir, morrer, nascer, etc, outros são transitivos como aceitar, aprender, achar, conhecer, etc; ou na terminologia de Lyons, monovalentes os primeiros e bivalentes os segundos (para o conceito de valência, ver Lyons 1966

e 1977).O que nos levou a dar-lhes um só tratamento é o fato de que tanto num caso como no outro, o item ausente (o "correto") é um item de valência uma (1ª) vez superior ao item que efetivamente ocorre e este aumento de valência corresponde à presença de um lugar adicional ("additional place") para a expressão do agente iniciador da mudança de estado/locação expressa pelo verbo. Assim, o monovalente morrer está pelo bivalente matar e o bivalente aprender está pelo trivalente ensinar. Em ambos os casos, a diferença, que é de uma valência, serve à expressão do mesmo conteúdo semântico: causatividade.

O segundo quadro contém verbos impropriamente usados como incoativos[2]. Uns são trivalentes como ensinar e procurar, outros são bivalentes como matar e tirar . O que nos levou a tratá-los numa única classe é o fato de que num e noutro caso, o item ausente (o "correto") é um item de valência uma vez inferior ao item que efetivamente ocorre e este decréscimo de valência corresponde à ausência sistemática do mesmo conteúdo semântico: agentividade.

Em resumo, estes quadros mostram a existência, no 'corpus' de A, de duas tendências contrárias:promoção do verbo a uma valência superior e rebaixamento do verbo a uma valência inferior. Estes fenômenos, que tiveram seu pico de freqüência em períodos não-coincidentes (ver gráfico anexo), procuramos explicá-los como resultado de uma hipótese da criança sobre a estrutura sintática de uma S, em que as noções de agente, ação, obje

to estão envolvidas. Assim, em relação a ocorrências do tipo de:

(1) Eu saio o esmalte do dedo (= Eu tiro o esmalte do dedo)

(2) Tirou o esmalte (= O esmalte saiu)

a existência de agente (= 1) e a inexistência de agente (= 2) na expressão de mudança de locação, seria, a nosso ver, marcada pelo nosso sujeito via sintaxe, da seguinte maneira: no primeiro caso, um verbo, não-agentivo, é promovido a agentivo (vale dizer, causativo), pela estrutura sintática que passa a integrar (estrutura transitiva, isto é: N V N); no segundo caso, um verbo agentivo é destituído da marca de agente pela flexão de 3º pessoa, mantendo-se a ordem V N. Nossa hipótese é de que a criança, usando de seus recursos expressivos, em certa época (de 3;1 a 4;2, predominantemente) agentiviza expressões não-agentivas; em outra época (de 4;2 a 5, predominantemente) impessoaliza expressões agentivas. Para nós, ela o faz pelo recurso à sintaxe, indiferente às marcas dos itens verbais no léxico.

Hipótese diferente foi defendida por Bowerman (cf. 1974), que observou em sua filha Christy, durante certo período de aquisição do inglês como língua materna, erros análogos aos do primeiro tipo por nós registrados na fala de A. Para Bowerman, Christy, na época de ocorrências desviantes tais como: I'm singing him (por I'm making him sing), teria abstraído e generaliza-

do uma regra sobre itens lexicais possíveis. Exposta à ocorrência de open e break como causativos e não-causativos, teria tomado esta classe de causativo em que o mesmo item pode integrar uma e outra estrutura, como modelo de funcionamento de outros verbos. Assim, o fenômeno dos desvios envolvendo causativos é visto por esta autora como sendo derivado de uma estratégia morfológica ou lexical, enquanto nós pretendemos mostrá-lo como sendo derivado de uma estratégia sintática, semanticamente motivada. Dispensamo-nos aqui de apresentar os argumentos que favorecem a nossa hipótese[3], salientando apenas que a hipótese concorrente (a de Bowerman) foi construída para dar conta apenas de fatos do tipo de (1), já que frases como (2) foram - segundo Bowerman - raras no 'corpus' de Christy[4]. Já no 'corpus' de A, tiveram uma freqüência e consistência comparável às frases do tipo 1. Justifica-se assim o interesse em explicá-las e integrá-las numa explicação geral sobre a aquisição da expressão de causatividade e não-causatividade.

2. PROCEDIMENTOS

Na coleta do material lingüístico utilizam-se duas fontes: a) o diário, isto é, o registro informal de ocorrências feito pela mãe (a própria pesquisadora); b) as gravações em fita magnética de segmentos de interação informal da criança com um interlocutor adulto (na maioria das vezes, a mãe)[5].

Para o presente trabalho, esgotamos a primeira fonte de dados, porém não a segunda. Assim, os dados provenientes das sessões de 'audio-tape' são parciais: 2;8 a 3;4, enquanto que os do diário são completos: 2;8 a 5. Este conjunto revelou-se suficientemente consistente para permitir uma primeira análise dos enunciados que expressam mudança de estado/locação sem participação de agente, na fala de A.

3. CARACTERIZAÇÃO DOS ENUNCIADOS EM ESTUDO

Conforme demonstra o gráfico, a partir de 4;2, tornou-se consistente na fala de nosso sujeito, o emprego de um verbo causativo em lugar de um não-causativo, que expressasse meramente a entrada de um objeto ou ser em novo estado ou locação, sem envolvimento de agente. Eis alguns exemplos:

- (a mãe ouve A. cantar uma cantiga infantil, nova em seu repertório)

  M. Quem te ensinou?

  A. Ninguém. Eu que ensinei sozinha.(= eu que aprendi sozinha)

  (Di - 4;0.12)

- (A. pega um papel na grama do jardim e o solta imediatamente)

  A. Queimado, ai, queimado... (queimado = queimador, bicho que queima)

  M. É mesmo, uma taturana debaixo do papel.

A. Já matou o queimado ? (= o queimado já morreu ?)

(Di - 4;8.4)

- (A. procura seus objetos)

A. Cadê a sacola? Será que a vovó deixou ou levou ela?

Cadê sua bolsa? Mas eu não estou procurando ela! (= mas eu não estou achando ela)

(Di - 3;6.4)

- (A. coloca o lápis no apontador de mesa para fazer a ponta; quando retira, o mesmo está sem ponta)

A. Tirou a ponta! (= a ponta saiu)

(Di - 4;2.7)

- (a mãe tinha feito um rabinho no cabelo de A,prendendo-o com elástico; este se solta)

A. (com o elástico na mão). Tirou. (= saiu) Põe prá mim. Tirou do lugar. (= saiu do lugar)Põe de novo prá mim.

(Di - 4;5.1)

- (mostrando uma das unhas sem esmalte)

A. Olha! Tirou o meu imalte.(= saiu o meu esmalte)

(Di - 4;5.27)

- (A, com o botão do blusão de uniforme na mão que acabara de se soltar)

A. Mãiê, tirou botão do casaco.

M. Hein?

A. Tirou o botão do casaco. (= o botão do casaco saiu)

(Di - 4;6.19)

Nesta discussão tomaremos por base a ocorrência de tirar (por sair), que é a mais freqüente.

Afastemos inicialmente uma descrição que poderia parecer possível a quem examinasse os enunciados acima grifados, isolados de seu contexto: a de que matou o queimado ou tirou o botão do casaco têm um sujeito oculto (invariavelmente um ele/ela), mencionado anteriormente ou subentendido pelo contexto (e portanto, recuperável através deste). Notemos que nesta interpretação os enunciados não seriam desviantes.

É fácil ver que esta descrição não corresponde ao que se quis expressar nas situações em questão. Basta observar a descrição do contexto em que estas falas estão inseridas. O enunciado Tirou o botão do casaco, por exemplo, é usado quando não existe participação de agente na mudança indicada pelo verbo. De tal forma que a construção esperada, de acordo com o sistema lingüístico adulto, seria NP + sair (ou sair + NP). Em vez disto tem-se tirar + NP, o que é estranho porque o item tirar exige uma construção com agente na posição do sujeito; construção que, de resto, está presente em outros enunciados do 'corpus' de A, quando no evento a ser expresso existe um agente envolvido.

Exemplos:

- (indicando o tornozelo)

A. Mãe, este sapato me machuca aqui no joelho. Eu vou tirar.

(Di - 3;5.28)

- (mostrando para a mãe o dedo machucado)

A. A Pita tirou a casquinha aqui do meu dedo.

(Di - 4;5.29)

Conclui-se assim que nas frases de A, no período estudado, o verbo tirar é usado corretamente, como item causativo, e incorretamente, como equivalente do não-causativo sair; e, neste último caso, com tal regularidade e consistência,que faz suspeitar de uma regra de produção subjacente. É este, então, o problema que temos que explicar: como um item com marca de agente passa a ser sistematicamente utilizado em lugar de um item não-agentivo.

Até o momento vimos chamando os verbos do tipo de tirar e de sair, de causativo e não-causativo, respectivamente. Explicitemos melhor a sua natureza, situando-os no interior de uma classificação geral dos verbos. Citaremos Dowty, que, retomando classificação de Vendler, coloca os causativos entre os "accomplishment verbs":

> "The class (of accomplishment) includes verbs such as kill, build, draw (a circle), deliver (a lecture), etc. Although accomplishments can be distinguished from other classes by several sintactic/semantic tests, I will here simply characterize them intuitively: a sentence contains an accomplishment verb if it involves both (1) the notion of an act or event that the subject is involved in and (2) an specific change of state which is understood to come about as a result of that act or event. Thus (1)

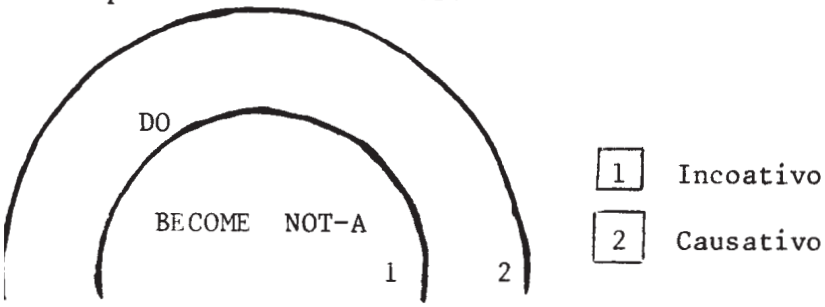
(1) John killed Harry.

> is understood to entail that John did something, and that Harry came to be dead as a result of that action. Accomplishments are therefore to be distinguished on the one hand from activities (look, laugh, run, etc)which lack the entailment that a particular change of state took place,and are to be distinguished from pure achievements on the other hand: achievements (notice, lose, die, etc) do involve a change of state, but do not imply that some act or event involving the subject produced that change."
>
> (cf. Dowty 1972:62)

Os verbos ensinar, matar, tirar dos nossos enunciados estariam entre os chamados "accomplishment verbs". A classe dos "accomplishment" é, porém, mais ampla, incluindo (como se pode ver pela exemplificação acima), verbos como desenhar (+ NP) ou construir (+ NP),que não seriam tradicionalmente incluídos entre os causativos (Lyons (cf. 1968:384) os chama de verbos basicamente transitivos). Por causativos designa-se aquela classe de verbos que admitem a decomposição numa expressão perifrástica constituída por fazer + um item verbal que expressa independentemente a noção de mudança de estado/locação[6].

Na classe dos "achievements" estariam os verbos aprender, morrer, sair, ou seja, as contrapartes não-causativas, cuja emergência e estabilização se analisa na fala de A. Estes expressariam apenas a mudança de estado/locação vista como evento isolado , sem participação de agente. Estamos chamando-os de incoativos, porque esta designação faz lembrar a relação de inclusão em que

se acham em face de seus pares causativos. Explico. Se nos situarmos no sitema de representação da semântica gerativa e assumirmos que para a representação semântica do verbo causativo são necessários os predicados: DO,BECOME e NOT-A [7], o verbo causativo contém os três e o incoativo apenas os dois últimos:



Ou, representando de outra maneira:

V. causativo = DO + BECOME (NOT-A) (2)

V. incoativo = BECOME (NOT-A) (1)

Sabendo-se que a diferença entre um verbo do tipo que é representado em (2) e um verbo do tipo que é representado em (1) acima é a existência de um predicado DO, o problema que temos a explicar, isto é, o uso ambivalente de tirar no 'corpus' de A, poderá ser avançado nos seguintes termos: a ambivalência se dá como resultado da destituição do predicado DO do conteúdo semântico verbo causativo. Isto pode ser assim esquematizado:

V. causativo - DO = BECOME (NOT-A)

ou:

V. causativo - DO = v. incoativo

Resta-nos agora fazer a seguinte pergunta: à custa do que se faz esta subtração? Para nós, um dos fatores determinantes da obliteração da marca de agente é a flexão de pessoa com a qual o verbo vem marcado. Discutiremos pormenorizadamente esta hipóteses na seção seguinte.

4. DISCUSSÃO

4.1. A FLEXÃO VERBAL DE PESSOA

O problema de explicar os desvios do tipo 2 integram-se, na verdade, num contexto mais amplo que é o de explicar quando e como a criança chega a narrar eventos dos quais não se pode ou não se quer apontar um agente, uma pessoa ou ser como responsável. Em outras palavras, trata-se de mostrar quando e como a criança chega aos enunciados puramente narrativos em que há um distanciamento do sujeito da enunciação relativamente ao fato narrado.

A ordem de emergência dos desvios envolvendo causatividade: primeiro, promoção de um verbo a agentivo, depois rebaixamento de um verbo a não-agentivo (ver gráfico anexo), evidenciaria o "quando". A criança utilizaria primeiro estruturas lingüísticas nas quais ela se representa a si ou a outro ser como implicado na ação[8], depois estruturas lingüísticas que representam estados de coisas, situações concebidas sem menção a agente.

Em relação ao "como", gostaríamos de mostrar que, pelo menos para a expressão de mudança de locação/estado de um objeto, o processo de aquisição envolve a flexão de 3º pessoa, ou melhor, a flexão de não-pessoa. Nossa hipótese para os enunciados do tipo de "tirou a ponta" (por "a ponta saiu"), é a de que o ele ou sua marca no verbo (desinência flexional) despoja o verbo de seu traço [+ agente] , tornando-o um verbo impessoal (ou não-pessoal).

Importa aqui lembrar as idéias de Benveniste a respeito da categoria de pessoa, a que se submete, nas línguas conhecidas, o verbo e o pronome.

Benveniste, em seus Éléments de Linguistique Générale I, rompe com a visão tradicional de que eu, tu e ele ou suas respectivas marcas no verbo são uma classificação unitária e homogênea. Para o autor as duas primeiras pessoas não estão no mesmo plano que a terceira. Esta última é uma forma não-pessoal da flexão verbal,enquanto eu e tu são verdadeiras pessoas do discurso. Eu/tu, de um lado, e ele, de outro, constituem "espécies diferentes segundo o modo de linguagem do qual são signos"[9]. Ele pertence à sintaxe da língua, enquanto eu e tu ao nível pragmático, isto é, ao nível das instâncias de discurso, "os atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em palavra por um locutor" (op. cit: 277). A diferença proposta por Benveniste cabe assim na oposição enunciado - enunciação.

Fixemos melhor esta separação: eu/tu-pragmática; ele - sintaxe. Quanto ao caráter pragmático de eu/tu, Benveniste demonstra-o exaustivamente em "A natureza dos Pronomes" e em outro capítulo de "O Homem na Língua", que é complementar a este para a apreensão total da concepção do autor sobre a dêixis a e anáfora:"Estrutura das Relações de Pessoa no Verbo". Citaremos passagens de um e outro capítulo, que são relevantes para a nossa discussão.

> "Eu significa 'a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém eu. (...) Introduzindo-se a situação de 'alocução' obtém-se definição simétrica para tu, como o 'indivíduo alocutado na presente instância de discurso contendo a instância linguística tu."
>
> (op. cit: 278-279)

Eu e tu são, ao contrário dos outros nomes referentes a uma noção lexical, signos "vazios", sempre disponíveis, " e que se tornam plenos assim que um locutor os assume em cada instância do seu discurso"(op. cit: 280). A diferença está assim colocada:

> "Não há um conceito de "eu" englobando todos os eu que se enunciam a todo instante na boca de todos os locutores, no sentido de que há um conceito "árvore" ao qual se reduzem todos os empregos individuais de árvore. O "eu" não denomina (...) nenhuma entidade lexical."
>
> (op. cit:288)

Mais do que a diferença entre eu (e tu) e um signo lexical, interessa-nos a especificidade de eu (e tu) em relação a ele. Benveniste afirma que ele é diferente de eu e tu "pela sua função e pela sua natureza". (op. cit: 282).

Examinemos inicialmente a questão da função distinta desempenhada pela "3ª pessoa".

Para Benveniste, enquanto os signos eu/tu têm por função marcar a presença do locutor naquilo que é dito, convertendo a língua em discurso, a função do ele é justamente a de despojar o dito da subjetividade do falante. A "3ª pessoa" presta-se a exprimir aqueles conteúdos que não remetem a si mesmos, mas a situações "objetivas"; situações que escapam à condição de "pessoa". Citamos o autor:

> " (a forma não pessoal da flexão verbal) serve sempre quando a pessoa não é designada e principalmente na expressão dita impessoal. Reencontramos aqui a questão dos impessoais, velho problema e debate estéril enquanto se persiste em confundir "pessoa" e "sujeito". Em Vει , tonat, it rains (= "chove, troveja, chove"), é exatamente como não pessoal que se relata o processo, enquanto puro fenômeno, cuja produção não se reporta a um agente(...)". (op. cit.:252)

No trecho acima a última afirmação parece poder contribuir decisivamente para a explicação do que se passa nos enunciados que estamos analisando. Com efeito, parece-nos possível dizer - parafraseando Benve

niste - que no enunciado "Tirou o esmalte", apesar do caráter "pessoal" do verbo (trata-se de um item agentivo, isto é, que exige um agente na posição de sujeito), é como não pessoal que se relata o processo, como puro fenômeno, cuja produção não se reporta a um agente.

Vejamos agora a questão da natureza distinta desempenhada pela "3ª pessoa". Como já foi dito, ele é, para Benveniste, um signo sintático (e não pragmático, como eu e tu). Ao firmar esta diferença em "A natureza dos Pronomes", Benveniste ilustra a natureza sintática do ele, dando um exemplo em que este substitui um elemento de uma S anterior.

> "As formas como ele, o, isso,etc, só servem na qualidade de substitutos abreviativos: "Pierre est malade; il a la fièvre (= Pedro está doente; ele está com febre)"; substituem um ou outro dos elementos materiais do enunciado ou revezam com eles." (op. cit.: 282)

Chamemos a isto de relação anafórica inter-sentencial.Não é este emprego anafórico do ele que nos interessa para explicar os enunciados de A. É o de um ele (ou melhor,de sua correspondente marca no verbo), que substitui ou marca a ausência de uma pessoa no processo que é relatado. Chamemos a isto de relação anafórica intra-sentencial.Esta relação, parece-nos, está também referida em Benveniste, só que em outra passagem, no capítulo "Estrutura das Relações de Pessoa no Verbo".

> "Não se deve(...) representar a "terceira pessoa" como uma pessoa apta a despersona

> lizar-se. Não há aférese de pessoa,mas exatamente a não-pessoa, que possui como marca a ausência do que qualifica especificamente o eu e o tu. Pelo fato de não implicar nenhuma pessoa, pode tomar qualquer sujeito ou não comportar nenhum,e esse sujeito, expresso ou não, nunca é proposto como "pessoa". Esse sujeito só faz acrescentar em aposição uma precisão julgada necessária para a inteligência do conteúdo, não para a determinação da forma. Assim volat avis não significa "o pássaro voa" mas "ele voa (scilicet) o pássaro". A forma volat se basta a si mesma e, embora não pessoal, inclui a noção gramatical de sujeito". (op. cit.: 253)

O traço intrínseco ao ele é, pois, de ordem sintática: trata-se de um elemento substitutivo,tanto no nível mais amplo das relações inter-sentenciais, como no nível mais estrito das relações intra-sentenciais. É no seu segundo emprego e não no primeiro, que o ele (ou não-pessoa) contribui para elucidar o fenômeno subjacente aos desvios do tipo 2, na aquisição do português pelo nosso sujeito. Podemos dizer agora, que o que afastamos no início da seção 3 como descrição possível dos enunciados era uma descrição que tinha o ele na conta de um anafórico inter-sentencial.

Na discussão precedente, discorrendo sobre "pessoa" e "não-pessoa", introduziram-se paralelamente as ocorrências desviantes com verbos causativos e pretendeu-se lançar uma linha de argumentação: a de que em determinado momento da aquisição do português por A,

tornou-se produtivo um procedimento de transformar, pela flexão não-pessoal, um verbo que traz na sua estrutura semântica interna a noção de agente, em seu correspondente não-agentivo, impessoal.

Esta hipótese é também motivada por fatos independentes, isto é, fora do âmbito dos verbos causativos.

Dentro do período das ocorrências do tipo de "Tirou o botão do casaco", registramos também as ocorrências abaixo:

- (A está no sofá vendo televisão; cochila e, na posição em que está, baba na almofada; quando desperta e percebe que babou, diz)
  A. Babou. (Di - 4; 7.22)

- (A demora para dormir porque está sem sono; muito tempo depois de ter ido para a cama, não tendo - apesar dos esforços - conseguido dormir, vai para a cama da mãe e diz)
  A. Num durmiu. (Di - 4; 10.9)

- (da casa de uma amiga, a mãe telefona para ter notícias: deixara A acordada e o pai dormindo; este deveria levar a cr. à piscina; a cr. informa)
  A. Chegou atrasada na piscina.

  OBS: A pontualidade não dependera de A, e sim do pai. (Di - 4; 11.8)

- (A acorda e vai ao banheiro; a mãe está ao lado)

  M. Nossa! Que xixi comprido!

  A (rindo). Sabe, mãe, a hora que eu levantei de noite e fui prá prá sua cama, eu tava com vontade fazer xixi e não fiz.

  M. Aí juntou tudo prá agora, né?

  A. É, por isso que fez xixi comprido.

  (Di- 4;11.28)

- (mesmo contexto anterior: a mãe pede a A que conte o ocorrido ao pai)

  A. Quando eu dormi eu tava com vontade fazer xixi e não fiz, daí quando eu acordei fez xixi comprido.

  (Di - 4;11.28)

Concentremos nossa atenção na primeira delas. A babou; no entanto, para descrever o processo não diz: "babei" (como seria esperado), mas "babou". Procedamos ingenuamente na análise. Diante do "babou" dito pela criança, procura-se o antecedente de que -ou seria a marca: uma pessoa anteriormente mencionada no discurso. Não há. Logo, o caminho é crer que este -ou se refere legitimamente à pessoa do falante (eu, = A) e não a outra pessoa (ele). Como se explicaria que para se referir a si mesma a criança usasse a "3ª pessoa", signo de descrição objetiva? Temos aqui um paradoxo, cuja solução se encontra na concepção de pessoa vs não-pessoa de Benveniste. Assumindo que um enunciado que contém eu marca o en-

volvimento do locutor no processo relatado, o fato de não se ter "babei" seria explicado em razão do falante querer se subtrair, escapar ao envolvimento da 1ª pessoa. A "3ª pessoa", sendo uma não-pessoa, consegue traduzir o não-envolvimento do falante no processo relatado. De fato, a partir da descrição do contexto, deduz-se que a criança não se "sentia" como agente porque não tivera participação intencional no ato de babar. Antes, ela se vê como um outro no qual o processo se passou. Ela é o paciente: "babou" está próximo de "fui babada", forma que traduziria de maneira mais radical o procedimento de despojamento accional. A criança recusaria a representação de si como ator, o papel de "persona" - a 1ª do discurso - pois isto implicaria em assumir a responsabilidade da noção expressa pelo verbo. (Para conhecimento das relações entre linguagem e representação, ver VOGT, C. Linguagem, pragmática e ideologia. S.P., Hucitec, 1980.)

Registremos que o mesmo se passa em relação às demais ocorrências. Com o enunciado "num durmiu" (em lugar de "não dormi"), a criança parece evitar a flexão pessoal, já que não tivera participação intencional no "estar acordada". Quanto a "chegou atrasada na piscina" e "fez xixi comprido", o que falta para configurar a situação agentiva, que levaria ao uso pessoal, são os traços responsabilidade e controle, respectivamente. Vê-se assim que as ocorrências das páginas 61-62 são, cada qual, um registro negativo dos traços implica

dos na noção de agente. Intencionalidade, responsabilidade e controle parecem ser, de fato, traços relevantes para a caracterização da noção de agentividade.

O deslocamento da flexão de 1ª para "3ª " pessoa nos enunciados de A é notável para mostrar, por contraste, a manipulação na f a l a da criança da intersubjetividade da linguagem, no nível morfossintático. Explicitaremos melhor o que queremos dizer com isto, destacando dois pontos: 1º) a natureza da categoria verbo;2º) a classe a que pertencem os verbos que ocorrem nos enunciados de A.

Inicialmente, é preciso reconhecer,com Benveniste, o caráter misto do verbo.

> "Devemos insistir sobre este ponto: a "forma verbal" é solidária da instância individual de discurso quanto ao fato de que é sempre necessariamente atualizada pelo ato de discurso e em dependência desse ato. (...) Todas as variações do paradigma verbal, aspecto, tempo, gênero, pessoa, etc. resultam dessa atualização e dessa dependência em face da instância de discurso, principalmente o "tempo" do verbo, que é sempre relativo à instância na qual figura a forma verbal. Um enunciado pessoal finito se constitui, pois, sobre um duplo plano: emprega a função denominativa da linguagem para as referências de objeto que esta estabelece como signos lexicais distintivos, e organiza essas referências de objeto com a ajuda de indicadores auto-referências correspondentes à cada uma das classes formais que o idioma reconhece."
>
> (op. cit: 281-282; o grifo é nosso)

Como conclusão, retiremos a afirmação de que, se a pes-

soa é um dos atualizadores dêiticos do verbo, por outro lado, a não-pessoa é um elemento de conversão deste, em signo "histórico" (no sentido de "história" de Benvenis te), cuja função é meramente representativa, isto é, a de remeter a predicações objetivas, sem correlação com a realidade discursiva.

A seguir, é preciso, como no caso dos verbos tirar, matar, etc, fazer uma análise dos verbos contidos nos enunciados em discussão. Verificamos que os verbos babar, dormir, chegar atrasado e fazer xixi podem ser enquadrados entre os "activities" da descrição de Dowty (ver citação p.52). Expressam ações que são realizadas por seres animados, quase sempre humanos. Apresentam, pois, uma restrição de seleção quanto ao sujeito, que deve ser um "ser animado" (e também "humano",no caso de "chegar atrasado").

Reanalisemos "babou" e as demais ocorrências das p. 61-62 , de posse das precisões acima. Perceberemos que no relato de uma experiência intrinsicamente pessoal, onde é compulsória a presença de um sujeito animado (e humano), observa-se um recuo para a "3ª pessoa". Em outras palavras, uma restrição lingüística é violada. Formas de expressão não-desviantes que substituissem os enunciados "babou", "num dormiu", "chegou atrasada" e "fez xixi comprido", naqueles contextos, poderiam ser encontradas nas formulações abaixo:

(1) Babei, mas foi sem querer.

(2) Não dormi, apesar de ter tentado.

(3) Cheguei atrasada, mas não foi por minha culpa.

(4) Fiz xixi comprido, e foi sem querer.

onde se tem, na primeira parte dos enunciados, a espera da "correção" da expressão lingüística, seguida por um comentário modalizador, reparador da "correção" anterior, imposta à forma verbal. Veja-se que neste "comentário" a linguagem estaria exercendo a sua função dêitica, subjetiva, pragmática (como quer a chamemos), enquanto que na expressão do evento ("babar", por ex), a pura função referencial (ou denominativa, como a chamou Benveniste no trecho acima transcrito). Não é esta a saída de A. Porém, não é menos eloqüente, pois conhecendo-se as características de narrativa associadas à "3ª pessoa", não há como negar que, com o seu desviante "babou", a criança alcance sinteticamente expressar (no nível morfossintático), aquilo que poderia ser mais extensa ou analiticamente expresso num outro nível, pelos marcadores de subjetividade, modalidade. De fato, pode-se, sem cometer abuso, interpretar os enunciados de A, como querendo significar, respectivamente, (1), (2) (3) e (4).

4.2. A ORDEM SINTÁTICA

Além da flexão um outro dado deve ser levado em conta na análise dos enunciados que estamos estudando: a ordem sintática.

Na língua adulta, para expressar uma mu-

dança de locação sem intervenção de agente, pode-se ter tanto V N, quanto N V: "O botão saiu"/"Saiu o botão" (a ordem é livre). No 'corpus' de A esta ordem é na maioria dos casos V N. Por ex:

"Tirou a ponta"
"Tirou o meu esmalte"
"Tirou o botão do casaco"[10]

Para nós, isto reflete a manutenção da ordem S V O quando no evento a ser expresso não existe agente. O objeto não passa para a posição anterior ao verbo (que parece assim reservada para o agente), permanecendo posposto, de acordo com a ordem canônica. Um exemplo claro desta tendência na fala de A é a seqüência de ocorrências abaixo:

- (A tinha ganhado do pai dois anéis; ficara radiante; a mãe lhe diz qualquer coisa no sentido de conservá-los)
  A. Cê vai durar*/ vai durar prá todo eu crescer (= (o anel) vai durar até eu crescer?)
  M. Hum-hum.
  A. Prá quando eu crescer?
  * Atenção para esta transformação de estrutura impessoal em pessoal, fenômeno da mesma classe dos mencionados na nota 8.

  (Di - 4;10.27)
- (com o mesmo tipo de preocupação da ocorrência anterior)

A. Vou te contar uma coisa bem verdade. Vai durar esse bastante?

M. Vai.

A. Vai durar esse bastante?

M. Vai. Por que cê tá preocupada com isso?

A. Eu queria que você me dizia uma coisa. Vai durar bastante aquele anel? (= Aquele anel vai durar bastante?)

(Di - 4;10.27)

Comparando-se as duas seqüências acima, vê-se que a criança estrutura inicialmente o que quer expressar numa seqüência N V N (à qual estariam subjacentes as noções de Agente-Ação-Objeto), como se este fosse o primeiro modelo de sentença que tivesse à disposição. Em seguinda passa para uma estrutura sem agente, mas continua a manter a ordem V N, não fazendo a transposição do objeto " esse (anel)", "aquele anel" para a posição de sujeito gramatical. Tem-se a impressão, então, de que esta posição é reservada para o agente: quando este não existe, a criança deixa a sua posição vaga.

Notemos que não só nas ocorrências de tirar (por sair) como também nas de matar (por morrer), a ordem V N é observada[11].

- (contando para a mãe coisas que ouvira o amiguinho contar)

A (emocionada). Mãe, diz que na escola do Danilo apareceu uma pessoa pobre... com frio e... matou a pessoa. (Di - 4;8.25)

Temos motivos para pensar que este procedimento é geral. Atinge não só os causativos lexicalizados (tirar, matar), mas aqueles que são ambivalentes, isto é, que entram numa estrutura transitiva e intransitiva, para expressar respectivamente: mudança de estado/locação com a participação de um agente(= 1), mudança de estado/locação sem a participação de um agente (= 2). Se formos levantar as ocorrências de tais verbos em contexto adequado para 2, veremos que é comum a ordem V N, como se houvesse uma resistência em colocar na posição de sujeito um termo que não é agente. Exemplos:

- (referindo-se ao tecido, destinado a short, que tinha se desdobrado)

  A. Ah... Desdobrou meu shortinho!

  (Gr - 3;1)

- (brincando de escrever na lousa com a mãe)

  A. A/agora ! Agora não posso dá outro pô cê.

  M. Por que?

  A. Quebrou todo esse daqui (giz).

  (Gr - 3;3.27)

- (A está guardando discos numa caixa)

  A. Encheu a caixa.

  (Di- 3;2.1)

- (A conta à mãe que a televisão apresentou defeitos na imagem; responsabiliza o pai, que tinha mudado de canal)

  A. E aí estragou a ligação porque ele mudou prô outro canal.

  (Di- 4;10.9)

- (A conta à mãe como a cachorra da vizinha fora enterrada)

A. Ela foi em cima (= em baixo) do carro, morreu e tampou areia nela.

(Di- 3;10.11)

- (olhando para o carrinho da irmã, nota que existe uma fita adesiva no lugar em que há uma saliência provocada pela junção de dois ferros)

A. Mãe, que que é isso daqui ? Cortou isso daqui?

M. Não, bem, isso é fita que a mamãe pôs para não machucar a Ju.

(Di - 4;7.22)

As duas últimas ocorrências acima podem ser consideradas como desviantes em relação à expressão de voz passiva: "areia foi tampada nela" e "isso aqui foi cortado", cuja relação com verbos do tipo de quebrar, abrir, etc, é bem apontada por Lyons.

> "The passive of the transitive verb "open" (...) has the same valency as the active of the intransitive verb "open". The difference between "The door was opened" (without the adjunct "by John") and "The door opened" is that the former represents the situation as an act in which the agent is not referred to, whereas the latter represents the situation as an event (which may or may not be an act)."
>
> (Cf. Lyons 1977:487)

No que diz respeito a sentenças passivas, podemos dizer que elas são bem raras no 'corpus' de A.

No período compreendido pela pesquisa (2;8 a 5), registramos somente 4 ocorrências, três das quais entre 4;2 a 4;11[12].

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da sessão precedente, ao tentarmos levantar uma hipótese explicativa para a ocorrência de enunciados do tipo de "tirou o esmalte" (por "saiu o esmalte"), procuramos - em 4.1 - aproximá-los de outro tipo de enunciado ("babou", por "babei"), atribuindo a ambos uma só origem para seu caráter desviante: uma estratégia de apagamento sistemático do agente, pela flexão de "3ª pessoa". Notemos, a título de precisão, que tal estratégia - tal como a imaginamos - visava excluir não só o próprio sujeito da enunciação como agente responsável pelo processo, como qualquer outro ser (inclusive não-animado), que pudesse desempenhar o papel de agente iniciador do processo. Assim é que, em "tirou a ponta", a espontaneidade ou não-causatividade do processo (marcada pela "3ª pessoa") deve ser interpretada tanto como: "não eu", como também como "não apontador"; diferentemente, em "babou", a exclusão é somente do sujeito da enunciação.

Ainda na sessão precedente, reconhecendo nos enunciados do tipo de "tirou o esmalte" uma preferência pela ordem V N sobre N V, procuramos - em 4.2 - interpretar tal fato como sendo determinado por uma re

gra de produção subjacente em que a criança associasse a um sintagma nominal preposto ao verbo (em outras palavras, ao sujeito gramatical) a marca de agente. Não precisamos lembrar aqui quantos fatos em português contribuiriam para a inferência de uma tal regra.

Com a consideração destes dois elementos- flexão e ordem sintática - julgamos ter podido formular uma explicação preliminar para os dados de que dispomos.

Não poderíamos, porém, encerrar este artigo sem considerarmos certas implicações de nossa hipótese.

Sendo correta nossa explicação, uma consequência que imediatamente daí se pode extrair é a de que na aquisição do português por nosso sujeito, há uma prioridade do processo sintático (ou morfossintático) sobre o lexical. Com efeito, no período estudado, apesar de não serem desconhecidos os itens sair ou morrer (por ex.), é, predominantemente do recurso morfossintático da flexão que a criança lança mão para expressar conteúdos puramente descritivos (não-agentivos). Lembremos que, da mesma maneira, em período anterior (o dos desvios do tipo 1, mencionado na p. 1), apesar de não serem desconhecidos os itens tirar e matar, era predominantemente do recurso sintático da ordem que a criança se valia para expressar causatividade. Diante disto, pode-se dizer que a criança elegera como recurso prioritário para expressar conteúdos semânticos, o procedimento sintático, negligenciando o lexical. Tal prioridade choca-se, inclusive,

com uma opinião mais ou menos difundida de que o léxico é mais facilmente adquirido do que outros procedimentos gramaticais (a precedência da holófrase sobre o período de dois vocábulos seria uma evidência disto...). Esta opinião fica, porém, questionada quando se trata - como é o caso deste nosso trabalho - de uma análise de erros envolvendo verbos. Estes itens não podem, com efeito, serem considerados fora da S que os contém. A sua semântica requer um tratamento simultâneo de sua sintaxe, porque são interligados. Os dois componentes não podem ser isolados, e, provavelmente não estão também isolados quando da formulação pela criança de hipóteses sobre o funcionamento de sua língua materna. É isto, pelo menos, aquilo em que acreditamos ao afirmarmos, na p. 48, que a nossa hipótese para os dados de A pode ser caracterizada como sendo uma hipótese sintática, semanticamente motivada.

O desenvolvimento particularmente tomado por nossa hipótese neste artigo acaba - é preciso reconhecer - por permitir sobre a especificação "semanticamente motivada", a oportunidade de uma leitura diferente. De fato, na medida em que, para explicar os desvios do tipo 2 configurou-se a necessidade de adotar uma visão de linguagem como constituída por dois planos (o do discurso e o da história), somos levados a entender o termo "semântica" num sentido mais amplo, que inclui a pragmática. A seguir esta linha de desenvolvimento, a continuação deste trabalho poderá - creimos - revelar a

necessidade de se postular, para a explicação dos fenômenos subjacentes à aquisição da linguagem, relações interdependentes entre os componentes sintático, semântico e pragmático.

NOTAS:

1) *A palavra "desvio" pode suscitar algumas idéias inadequadas em relação ao que queremos significar, tais como a de que as ocorrências em questão são esporádicas, marginais, ou então - o que é pior - que o sistema de expressão da criança, comparado ao do adulto, é incompleto e precário, sendo insuficiente como meio de intercomunicação. Uma e outra implicação são falsas. Porém, na falta de vocábulo melhor, estamos mantendo este, lembrando que o utilizamos no sentido em que vem sendo usado na literatura, isto é, como sendo o resultado de uma hipótese supergeneralizada da criança sobre a organização gramatical da língua a que está exposta, hipótese esta sem confirmação total no sistema lingüístico adulto.*

2) *Na falta de designação melhor, estamos chamando de incoativos, os verbos que expressam uma mudança de estado ou locação sem participação de agente.*

3) *Remetemos o leitor para o nosso trabalho "On the development of causativity's expression: a syntactic hypo-*

thesis, a ser publicado no Journal of Child Language.

4) *Bowerman afirma: "Thus, one should hear not only sentences like "I'm just gonna fall this on her", but also "The papers cuts", "The fly killed" (died), "The key lost"(become lost). While errors of this type have occurred occasionally in Christy's speech, they have been extremely rare compared to the reverse error." (cf. 1974: 148).*

5) *De 2;8 a 3;1 estas gravações foram feitas com intervalo de mais ou menos 15 dias e duração aproximada de 30 m por sessão, totalizando 10 sessões, com 5h e meia de gravação (1ª etapa). De 3;1 em diante as gravações foram semanais, com 30 ou excepcionalmente 45 m, totalizando 46 h de gravação (2ª etapa). As primeiras sessões foram gravadas em fita Cassette, em aparelho National e as últimas em fita Scotch 211 ou 212, em gravador Sony TC-105.*

6) *Os causativos ensinar, matar, tirar, etc diferenciam-se de desenhar, construir, etc no seguinte sentido: nos últimos o efeito da mudança que eles expressam não é percebido como parte da significação do item verbal, da mesma forma que no caso dos primeiros. Veja-se o teste abaixo: "Eu desenhei um círculo" não admite como paráfrase natural: "Eu fiz o círculo ficar desenhado", enquanto que "Eu matei o inseto" admite como paráfrase "Eu fiz o inseto ficar morto". A designação de "verdadeiros transitivos", atribuída aos*

primeiros por Lyons (cf. 1968: 384), talvez possa então ser compreendida comparativamente: eles não podem prescindir de um objeto semântico, tal como - de certa maneira - podem fazê-lo verbos como tirar, matar, etc.

Queremos ainda mencionar que uma análise exaustiva de interpretações causativas atribuídas a verbos do tipo de desenhar é encontrada em Jessen(cf. 1975), que levanta problemas sobre a classificação de Dowty. Tal discussão está, porém, fora do escopo deste trabalho. Não a levaremos em conta principalmente porque, neste estágio de desenvolvimento da linguagem que estamos estudando, ainda não estariam presentes as variáveis que interfeririam para tornar um verbo da classe dos "activities", interpretável como causativo.

7) Para os nossos propósitos, basta assinalar a estrutura complexa do enunciado causativo (e de sua contraparte incoativa), pela indicação dos predicados envolvidos. Não vamos aqui, considerar e /ou avaliar as várias possibilidades de representar e hierarquizar tais predicados (para tal ver em Dowty 1972, discussão em torno da adequação descritiva do modelo de MacCawley).

8) Um certo número de enunciados não-pessoais que a criança agentiviza registrados entre 3;2 e 4;4, fornece evidência empírica para esta afirmação. Compreende desvios sobre estruturas lingüísticas que, de algum modo, escapam ao sentóide canônico (Agente-ação-objeto)

(cf.Bever 1970 e Fodor, Bever e Garret 1974). Trata-se:

a) de desvios com verbos - chamados impessoais pela gramática tradicional - que não ocorrem com sujeito, ou, se ocorrem, este é um ser não-animado. Ex: fazer calor.

- (sentido-se encalorada, diz à mãe)

A. O vestido está fazendo calor. (Di - 3;2)

- (a mãe censura A por ter-se despido na festa, no dia anterior)

M. Todo mundo de vestido! Você foi a única que tirou a roupa!

A. Mas (a) /mas (a) a roupa tava muito calor. De vestido. (Di - 3;2.27)

b) de desvios com verbos que tomam como sujeito uma S. Ex: não tem jeito de...

- (uma amiguinha de A estava impossibilitada de brincar por algum motivo; a mãe insiste em saber)

M. Anamaria, mamãe tá perguntando se a Ana Lúcia tá aí.

A. Não.

M.! Vai chamar Ana Lúcia prá vim brincar, vai.

A. Ela não tem jeito (= não tem jeito dele vir) (inaud.) (Gr - 3;2.13)

c) de desvios com verbos que se constroem com FN preposta, à qual se atribui não uma leitura de agente, mas antes de paciente. Ex: coçar (= sentir coceira), nascer (dente), fazer aniversário.

- *(A está vestida com meias longas sob o macacão; a mãe vendo-a inquieta, pergunta)*

M. *Tá sentindo calor ?*

A. *Tô coçando na perna (= minha perna está coçando).*

OBS: A não estava se coçando; logo estava sentido coceira. *(Di- 4;3. 12)*

- *(a mãe observa J, irmã de A, que leva objetos à boca pra coçar a gengiva)*

M. *Tá pondo tudo na boca, né Juliana? É o dentinho querendo nascer?*

A *(interessando-se). Ela vai nascer dente?(= o dente dela vai nascer? / dente vai nascer nela?)* *(Di- 4;3.15)*

- *(junto com a irmã no cercado, não quer ficar ao alcance de sua boca)*

A. *Não Juliana, eu não posso ficar aí... cê tá nascendo dente. (= tá nascendo dente em você / seu dente tá nascendo)* *(Di- 4;4.7)*

- *(falando sobre seu aniversário, A se lembra de que outras pessoas de sua família também fazem aniversário)*

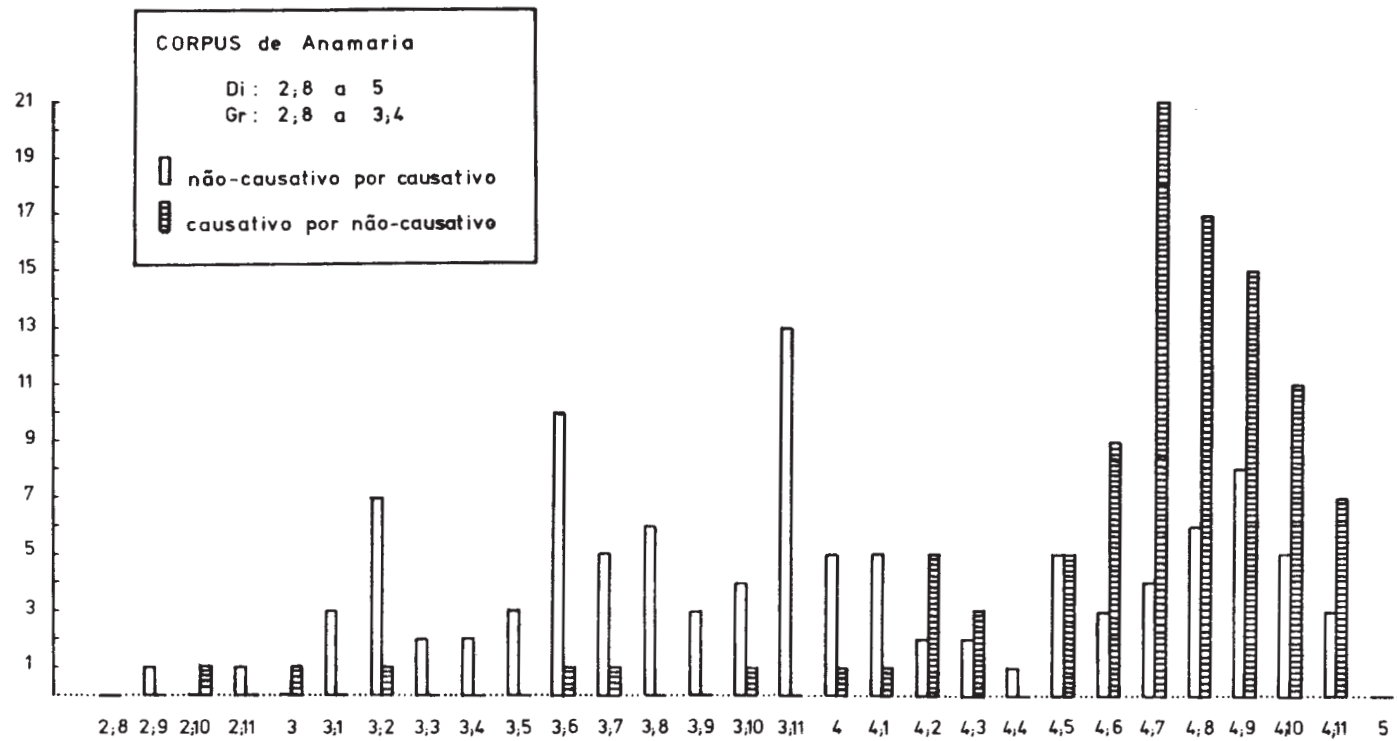
A. *Eu fiz aniversário do meu pai, minha mãe... (= meu pai fez aniversário, minha mãe (fez aniversário)) Mãe, quando a Ju faz aniversário?* *(Di- 4)*

9) *Faremos as citações a partir da tradução da obra para o português (1976).*

10) *Das 83 ocorrências de tirar por sair, registradas no 'corpus' de A, 39 têm objeto elíptico (subentendido pelo contexto lingüístico ou extra-lingüístico). As ocorrências com objeto claro são 44. Destas 28 têm a ordem V N e 15 a ordem N V.*

11) *Se a ordem V N não pode ser encontrada nos outros pares do quadro 2 (procurar por achar, e ensinar por aprender), isto pode ser explicado pelo fato de que têm valências diferentes em relação a tirar e matar.*

12) *Uma destas ocorrências pareceu-nos claramente ser imitação do discurso adulto.*


CORPUS de Anamaria
Di: 2;8 a 5
Gr: 2;8 a 3;4
não-causativo por causativo
causativo por não-causativo
21
19
17
15
13
11
9
7
5
3
1
2;8 2;9 2;10 2;11 3 3;1 3;2 3;3 3;4 3;5 3;6 3;7 3;8 3;9 3;10 3;11 4 4;1 4;2 4;3 4;4 4;5 4;6 4;7 4;8 4;9 4;10 4;11 5

REFERÊNCIAS:

BENVENISTE, E. 1966. Problèmes de Linguistique Générale I. Paris: Gallimard. Tradução brasileira: Problemas de Lingüística Geral I. São Paulo: Editora Nacional. (1976).

BEVER, T. G. 1970. "The congnitive basis for linguistic structures. In J. R. Hayes (ed.), Cognition and the Development of Language. New York: John Wiley & Sons.

BOWERMAN, M. 1974. "Learning the structure of causative verbs: a study in the relationship of cognitive, semantic and syntactic development". In PRCLD, 8 (142-178).

DOWTY, D. R. 1972. "On the syntax and semantic of the atomic predicate CAUSE". In Papers from the Eighth Regional Meeting Chicago Linguistic Society (62-74).

FODOR, J. A., BEVER, T.G. & GARRET, M.F. 1974. The Psychology of Language. New York: McGraw-Hill.

FIGUEIRA, R.A. "On the development of causativity's expression: a syntactic hypothesis". In Journal of Child Language (no prelo).

JESSEN, M. 1975. "Preliminaries to a theory of temporal journeys". Edinburgh Working Papers in Linguistics, 2 (109-126).

LYONS, J. 1968. Introduction to Theoretical Linguistics. London: Cambridge University Press. Tradu-

ção brasileira: Introdução à Linglüística Teórica. São Paulo: Editora Nacional. (1979).

LYONS, J. 1977. Semantics 2. Cambridge: Cambridge University Press.